



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS E DA SAÚDE
CURSO DE ENFERMAGEM

SARAH DE SOUSA LEITE

**PERCEÇÃO E FORMAÇÃO DOS DISCENTES DE ENFERMAGEM
SOBRE MORTE E DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: Revisão Integrativa**

São Luis

2017

SARAH DE SOUSA LEITE

**PERCEPÇÃO E FORMAÇÃO DOS DISCENTES DE ENFERMAGEM
SOBRE MORTE E DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: Revisão Integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca de defesa do Curso de Graduação de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Dra. Elza Lima da Silva

São Luis

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Leite, Sarah de Sousa.

Percepção e formação dos discentes de enfermagem sobre morte e doação de órgãos : revisão integrativa / Sarah de Sousa Leite. - 2017.

32 f.

Orientador(a): Elza Lima da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Enfermagem,
Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2017.

1. Doação de órgãos. 2. Enfermagem. 3. Morte. I.
Silva, Elza Lima da. II. Título.

SARAH DE SOUSA LEITE

**PERCEPÇÃO E FORMAÇÃO DOS DISCENTES DE ENFERMAGEM SOBRE
MORTE E DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem apresentado à banca de defesa do Curso de Graduação de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão.

Aprovado em: _____ de _____ de _____ Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Elza Lima da Silva (Presidente/Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Flávia Baluz Bezerra de Farias Nunes (Banca Examinadora)

Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Nair Portela Silva Coutinho (Banca Examinadora)

Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me dado persistência na busca dos meus sonhos.

A esta Universidade, curso, corpo docente, direção e administração por ser além de um espaço de transmissão de conhecimento, um ambiente de bom convívio e respeito aos semelhantes, sempre empenhados em agregar para o aluno um ensino-aprendizagem de qualidade.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Elza Lima, pelos anos de parceria na graduação que se tornaram amizade, seu apoio como mestra fez com que o amor pela tanatologia desse bons frutos a serem levados para minha vida profissional.

Aos membros da banca que prontamente aceitaram o convite para tal tarefa, e representam inspirações para essa nova jornada que irá se iniciar.

Meus agradecimentos aos amigos e companheiros de trabalho, Kaciane Gomes, Suzanne Bonfim, Suzana Brasil, José Rodrigo Martins, Tayná Peixoto, Débora Freire e Renato Mendes que fizeram parte da minha formação e por termos juntos vencido momentos que necessitaram força e união.

As minhas amigas enfermeiras Kaliny Mendes, Milene Lobato, Andrea Pereira, Bruna Falcão e Pabline Medeiros por terem acreditado comigo e serem sempre prestativas.

A uma enfermeira em particular, Polianna Costa, por ter sido um exemplo, amiga, incentivadora e colaboradora em todos os dias de aflição e alegria, e principalmente por ter compartilhado do amor pela doação de órgãos.

As minhas melhores amigas Alyne Gonçalves, Carla Aguiar, Nahyara Diniz e Letícia Di Martini pelos onze anos juntas correndo atrás dos nossos objetivos e nos amparando, gratidão.

Ao meu pai, irmão, tios e tias e em especial a memória da minha querida mãe, que muito se orgulharia desse dia, sem vocês nada seria possível.

Ao meu esposo, Pedro Leite, pelo companheirismo e ajuda nos momentos em que pensei que sucumbiria ao cansaço e as barreiras, pelas palavras diárias de estímulo e disponibilidade, e sempre, amor.

Por fim dedico a todos aqueles que indireta ou diretamente contribuíram para a minha formação.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo evidenciar o conhecimento científico sobre a percepção e formação do discente de enfermagem sobre morte e doação de órgãos. O estudo foi realizado através da revisão integrativa, no qual foram pesquisados artigos com as combinações: morte e acadêmico de enfermagem, morte e percepção e morte e doação de órgãos, nas bases de dados Scielo, Lilacs e Medline, entre os anos de 2006 e 2016. Resultaram desta busca 10 artigos, os quais constituem a amostra deste trabalho. Para análise e discussão dos resultados os artigos foram ordenados em quadro seguindo ano, autor, tipo de estudo, título, periódico de publicação, objetivos e conclusão. A partir da análise desses dados foi possível inferir a importância do estudo do processo morte e morrer e suas consequências, a exemplo da doação de órgãos, na formação do enfermeiro, é preciso que se discuta e reflita sobre como esse acadêmico deve ser preparado para enfrentar a morte e como lidar com questões de foro ética, moral e emocionais, que vão influenciar no exercício da profissão.

Descritores: Morte. Enfermagem. Doação de órgãos.

ABSTRACT

This study aims to evidence the scientific knowledge about the perception and training of the nursing student about death and organ donation. The study was carried out through an integrative review, in which articles with the following combinations were studied: death and academic nursing, death and perception and death and organ donation, in the databases Scielo, Lilacs and Medline, between the years 2006 and 2016. Results of this search resulted in 10 articles, which constitute the sample of this work. For the analysis and discussion of the results, the articles were ordered in a table following year, author, type of study, title, publication period, objectives and conclusion. It was possible to infer the importance of the study of the death and dying process and its consequences, like the donation of organs, in the training of nurses, it is necessary to discuss and reflect on how this academic should be prepared to face death and how to deal with ethical, moral and emotional issues that will influence the practice of the profession.

Descriptors: Death. Nursing. Donation of organs.

SUMÁRIO

	p.
1	
INTRODUÇÃO.....	07
2	
JUSTIFICATIVA.....	09
3	
OBJETIVO.....	10
4	
METODOLOGIA.....	10
5	
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
5.1	
Formação acadêmica sobre o processo morte/morrer.....	18
5.2	
O discente e os desafios na doação de órgãos.....	21
6	
CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXO A – Parecer de aprovação do colegiado.....	32

1 INTRODUÇÃO

O conceito de morte é diverso nos diferentes períodos históricos, traz consigo impressões das civilizações, sejam culturais, sociais ou mesmo que refletem os ritos funerais, as relações com o corpo, observando a maneira como se desenvolveram dentro do contexto, pode-se entender melhor o caminho percorrido até as percepções atuais com a promoção dos hospitais(JUNIOR et al. 2011).

Na Idade Média, a morte era um acontecimento natural, em que os familiares se acalentavam diante da sua chegada, era um momento de união familiar e de revelação e dos últimos desejos (SILVA; SILVA, 2007). Na sociedade contemporânea, a morte passou cada vez mais a se esconder nos hospitais, longe dos familiares e amigos, mas acompanhados dos profissionais da saúde. Havia mais esperança para a matéria, o hospital passou a ser o local central dessa fuga do confronto com a morte.

Até meados do século XX o médico apenas acompanhava a vinda da morte do doente que acontecia em casa, caracterizada como morte domiciliar, sempre cercado dos familiares (SHIMIZU, 2007).

Esse modelo prevaleceu por séculos, no entanto, com o advento da industrialização e crescimento da empresa médica, foi deixando de ser o habitual, e a morte foi sendo paulatinamente transferida para o hospital (ORNELLAS,1998).

A hospitalização trouxe consigo diversos benefícios para a assistência especializada, mas também trouxe novos problemas e criou muitos desafios para a assistência especializada. Um deles é a habilidade dos profissionais para lidar com a morte, uma vez que essa transferência do morrer em casa para o hospital não foi acompanhada da devida preparação, nem acadêmica, nem pessoal: a morte era inimiga a ser combatida, não algo a ser compreendida (MORITZ, 2002).

Ainda que em constante contato com a morte, os profissionais de saúde não conseguem romper o elo que os faz ter percepção de fracasso nos seus cuidados, para o enfermeiro a convivência mais prolongada como paciente que chega a óbito não o prepara. (BENEDETTI et al, 2013.)

Diante desse cenário, Silva e Silva (2007) destacam que a formação recebida pelos profissionais na área da saúde é normalmente focada na doença e cura, criando desde a academia uma visão de compromisso do restabelecimento da

saúde. O estudante é capacitado para prestar cuidados e intervenções visando a vida e raramente preparado para prestar os cuidados paliativos ou *post mortem*.

A ideia de “um nada mais resta a fazer” encerra a obrigação moral diante da morte ou da iminente possibilidade. No entanto esse “afastamento acadêmico” não impede que a morte seja uma realidade cotidiana, o que tem gerado inúmeras situações embaraçosas, sentimentos conflitantes e ambivalentes, inclusive depressivos e de fracasso de que não realizou suas funções de maneira adequada. (RIBEIRO; FORTES, 2012)

Estudo realizado por Scherer, Scherer e Carvalho (2006), refere que o acadêmico de enfermagem em suas primeiras vivências no campo ao observar atuação do enfermeiro como parte da equipe multiprofissional de saúde percebe que as habilidades individuais para lidar com a morte\morrer eram baseadas em suas influências culturais, sociais e conhecimento adquirido teoricamente, causando por vezes sofrimento e estresse.

Talvez, uma das maiores dificuldades encontradas pelos acadêmicos de enfermagem ao ter que trabalhar a temática morte-morrer, vem da falta de discussão de forma reflexiva durante a graduação nas situações vivenciadas pelos seres humanos que são inseridos na significância do cotidiano (DIAS et al., 2014).

Silva e Silva (2007) relatam que o acadêmico ao presenciar situações onde a morte do enfermo se confirma, tende a afastar-se, e isso se torna mais evidenciado quando a morte é encefálica e leva a uma possível doação de órgãos, é uma nova situação de enfrentamento permeada por sentimentos conflitantes de luto e de solidariedade.

No entanto, a morte encefálica é uma realidade e precisa ser enfrentada, discutida e inserida nas políticas de assistência. Kovacs (2008) afirma que os transplantes trouxeram transformações ao momento da morte, dividindo-a em morte clínica e cerebral. Para essa autora, por morte clínica se compreende aquela definida como um estado em que todos os sinais de vida (consciência, reflexos, respiração, atividade cardíaca) estão suspensos, embora uma parte dos processos metabólicos continue a funcionar. Por sua vez, de acordo com o Conselho Federal de Medicina (CFM) a Resolução nº 1.346/91 refere que morte encefálica é a “parada total e irreversível das funções encefálicas, de causa conhecida e constatada” (CFM, 1991).

A autorização da doação está diretamente relacionada ao nível de compreensão sobre os processos envolvidos que as pessoas em geral e os familiares têm sobre os conceitos de morte encefálica, de doação de órgãos e tecidos, inferindo-se que quanto maior o nível de conhecimento, maior o consentimento para a doação (FREIRE et al., 2015).

Segundo o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) nº 292/2004 o enfermeiro deve ter conhecimento adequado para oferecer informações aos familiares, além de estar preparado para identificar um possível doador e executar intervenções para manutenção do indivíduo até que seja realizada a doação, portanto, precisam ser capacitados continuamente (COFEN, 2004).

Durante o desempenho das atividades de enfermagem na captação de órgãos para transplante, os enfermeiros relatam momentos conflituosos diante das relações familiares e do luto vivenciado quando precisam solicitar a doação. Muitos acreditam ser a hora mais difícil do processo de captação (LIMA; SILVA; PEREIRA, 2009).

O enfermeiro é parte chave da equipe de saúde para que se tenha a identificação do possível doador de órgãos e à efetivação da doação. Por conseguinte, seu desempenho profissional é cada vez valorizado e conquistado diante de uma atuação realizada com ética e responsabilidade (SILVA; TELLES, 2011).

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a percepção e formação dos discentes de enfermagem sobre morte e doação de órgãos, a ser realizada por meio de uma revisão integrativa da literatura científica nacional sobre o tema.

2 JUSTIFICATIVA

O estudo da tanatologia aplicado ao processo de doação de órgãos demonstra que o discente de enfermagem deve estar preparado diante de suas habilidades e competências, para abordar a si e ao outro sobre a morte, pois deverá em seu futuro profissional lidar com o cuidado ao potencial doador e com os familiares diante da notícia de morte do indivíduo.

De acordo com o que Silva e Silva (2007) apontam um dos fatores mais importantes no momento da decisão dos familiares em doar ou não os órgãos é o conhecimento que os mesmos têm sobre o processo, sendo o enfermeiro um

potencial mediador desse momento é importante que ele tenha embasamento teórico, além da sensibilidade emotiva, para conduzir esse momento.

O interesse em investigar este tema se deu primeiramente pela vivência a partir da disciplina e como membro da liga de Tanatologia do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão e da participação nos projetos "Abordagem da Enfermagem Frente ao Processo Morte/Morrer" e "CIHDOTT ITINERANTE: Essa vivência contribuiu para a verificação da necessidade de uma educação para a morte que inclua informações seguras sobre o processo morte/morrer e sobre as tecnologias de doação de órgãos, captação e transplante.

Este estudo se justifica pela necessidade de discernimento da percepção dos estudantes dos cursos de enfermagem no enfrentamento do processo de morte e morrer. Como também, do funcionamento do processo de doação de órgãos, pois como futuro profissional da saúde, o graduando de Enfermagem, tem um papel importante na divulgação de informações em sua atuação no exercício de suas funções, no cuidado aos pacientes e suas famílias e no enfrentamento de um processo permeado por tantos fatores complexos.

3 OBJETIVO

Evidenciar o conhecimento científico desenvolvido sobre a percepção e formação do acadêmico de enfermagem no que tange ao processo morte/morrer e doação de órgãos.

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa acerca da importância da percepção e formação acadêmica de enfermagem sobre o processo morte/morrer e doação de órgãos.

Segundo Souza et al. (2010), a revisão integrativa é uma metodologia que proporciona incorporação e aplicabilidade, dos conhecimentos encontrados e seus resultados, na prática. Possui uma abordagem que permite a inclusão de estudos experimentais e não experimentais possibilitando uma compreensão mais ampla para análise. Por sua vez, Mendes, Silveira e Galvão (2008) a definem como uma estratégia metodológica que acompanha as práticas baseadas em evidências e

favorece tanto a prática clínica quanto a possibilidade de síntese de diversos estudos sobre uma área particular:

A revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos. Este método de pesquisa permite a síntese de múltiplos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008, p. 759).

Considerando-se o número de produções na área de Enfermagem somado ao tempo que dispomos para nos aprofundarmos em qualquer assunto, a revisão integrativa, que permite essa possibilidade de reunirmos estudos, é um método pertinente aos tempos atuais.

A revisão integrativa ocorre em seis etapas, ou passos, que foram seguidos para elaboração:

a) Primeira etapa: Identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa.

Nessa etapa, buscou-se a definição, de forma clara e específica, a partir de um conhecimento teórico prévio, de um problema e a formulação de uma questão de pesquisa que apresente relevância para a saúde e Enfermagem. O tema escolhido foi o norteador da busca ativa da literatura. Ele vai nortear a pesquisa. Nesta etapa são também escolhidos os descritores que irão nortear a pesquisa.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de maio a julho de 2016, na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo utilizadas as bases de dados: Literatura (ou Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e MEDLINE. Para a busca dos artigos foram utilizados os seguintes descritores em saúde: “morte”, “doação de órgãos”, “acadêmico de enfermagem” e “percepção”.

Para a elaboração da pesquisa formulou-se a seguinte pergunta: Quais são as evidências disponíveis na literatura científica em relação à percepção e preparação do acadêmico de enfermagem no que tange o processo morte/morrer e doação de órgãos?

b) Segunda etapa: Estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura.

Nesta fase, iniciou-se a busca ativa nas bases de dados para identificação dos estudos que foram incluídos na revisão. Importante definir critérios claros e objetivos de inclusão/exclusão do material a ser selecionado. Do mesmo modo, o procedimento de amostragem foi clarificado, para não incorrer em risco de desacreditar o próprio trabalho.

Os critérios de seleção dos artigos foram incluídos: artigos originais com resumos disponíveis, publicados entre os anos de 2006 a 2016, no idioma português que enfocassem aspectos relacionados ao tema proposto. Foram excluídos artigos localizados em mais de uma base de dados, sendo considerados somente uma vez.

Para melhor definição da pesquisa foi utilizado o operador booleano *AND* para combinação dos descritores na seguinte ordem: A – morte *AND* acadêmico de enfermagem, B – morte *AND* percepção, C – morte *AND* doação de órgãos. Para A foram encontrados 12 resultados no SCIELO, 12 no LILACS e 2 no MEDLINE. Para B foram encontrados no SCIELO 120 resultados no LILACS 215 e no MEDLINE 265. Para C no SCIELO foram encontrados 39 resultados, no LILACS 137 e no MEDLINE 4.180.

Utilizando os critérios estabelecidos de inclusão e exclusão, para A foram encontrados 2 estudos no SCIELO, 1 no LILACS e 0 no MEDLINE, no total de 3 artigos. Para B foram encontrados 1 estudo no SCIELO, 3 no LILACS e 0 no MEDLINE, no total de 4 artigos. Para C foram encontrados 1 estudo no SCIELO, 1 no LILACS e 1 no MEDLINE, no total de 3 artigos.

No total geral, temos 10 artigos selecionados que atenderá a todos os critérios, conforme ilustrado no quadro I.

Quadro 1

BASES DE DADOS	COMBINAÇÃO DE DESCRITORES					
	A: morte AND acadêmico de enfermagem		B: morte AND percepção		C: morte AND doação de órgãos	
	<u>Sem</u> Critérios I/E	<u>Com</u> Critérios I/E	<u>Sem</u> Critérios I/E	<u>Com</u> Critérios I/E	<u>Sem</u> Critérios I/E	<u>Com</u> Critérios I/E
SCIELO	12	2	120	1	39	1
LILACS	12	1	215	3	137	1
MEDLINE	2	0	265	0	4180	1
TOTAL GERAL: 10 artigos						

I/E: Inclusão / Exclusão

Fonte: Criado pelo autor, 2016

c) Terceira etapa: Definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, categorização dos estudos. O revisor tem como objetivo nesta etapa, organizar e sumarizar as informações de maneira concisa, formando um banco de dados de fácil acesso e manejo.

Para esta pesquisa foram identificados e organizados os artigos segundo as seguintes características: ano de publicação, autor (es), tipo de estudo, título, periódico de publicação, objetivos, e conclusões.

d) Quarta etapa: Avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa foi realizada de forma crítica.

e) Quinta etapa: corresponde à fase de discussão dos principais resultados da avaliação crítica dos estudos selecionados. Interpretação dos resultados.

f) Sexta etapa: Apresentação da revisão/síntese do conhecimento inclui informações suficientes que permitam avaliar a pertinência dos procedimentos empregados na elaboração da revisão, os aspectos relativos ao tópico abordado e ao detalhamento dos estudos incluídos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a leitura e análise do conteúdo selecionado, os artigos utilizados, de acordo com os critérios explicitados na proposta metodológica, foram sistematizados e apresentados no quadro abaixo (Quadro 2):

Quadro 2

ANO	2007
AUTOR(ES)	Alexandro das Mercês Silva, Maria Júlia Paes da Silva
TIPO DE ESTUDO	Descritivo, transversal e de campo
TÍTULO	A preparação do graduando de enfermagem para abordar o tema morte e doação de órgãos
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Revista de Enfermagem UERJ
OBJETIVOS	Descrever como é abordado o tema morte e doação de órgãos nas Escolas de Graduação em Enfermagem do Brasil, segundo a percepção dos estudantes.
CONCLUSOES	A maioria dos estudantes não sabe da com precisão conceitos de morte e doação de órgãos, A análise demonstrou que 92% dos entrevistados desconheciam a existência da Organização de Procura de Órgãos. O estudo indicou 30 minutos como o tempo mínimo dedicado ao tema morte e 10 horas como o tempo máximo durante a graduação. Verificou-se que 63% dos entrevistados responderam não ter aula sobre o tema doação de órgãos. Quando questionados sobre morte encefálica, 64% definiram incorretamente o conceito de morte encefálica, 19% definiram de modo incompleto e 17% definiram corretamente o conceito. Por meio da análise dos dados conclui-se a necessidade de outros estudos que esclareçam a real atenção que as instituições de ensino superior em enfermagem têm dado ao tema doação de órgãos e morte.

ANO		2008
AUTOR(ES)	Carla B. Takahashi, Lígia M. Contrin, Lúcia M. Beccaria, Mirana V. Goudinho, Roseli A.M. Pereira	
TIPO DE ESTUDO	Qualitativo do tipo descritivo	
TÍTULO	Morte: Percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem	
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Revista Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde	
OBJETIVOS	<p>Caracterizar o perfil dos acadêmicos de enfermagem da 1ª a 4ª séries de uma instituição do noroeste paulista e identificara percepção e sentimentos destes em relação à morte.</p>	
CONCLUSOES	<p>A maioria dos graduandos encontra-se na faixa etária entre 20 a 25 anos, do sexo feminino, solteiros, seguidores da religião católica. No que se refere ao significado da morte, verificou-se que ela foi vista como um ciclo natural da vida. Os graduandos esperam que o curso de graduação em enfermagem ofereça subsídios para o enfrentamento de situações como a morte. A percepção e sentimentos evidenciados pelos acadêmicos demonstraram despreparo para lidarem com esta situação, devido ao estresse, ansiedade e insegurança relatados, o que dificulta a sua atuação no que se refere ao apoio e conforto necessários ao paciente terminal. É necessário discutir e refletir sobre os dilemas do conceito da morte que cada um traz e, por meio desses, viabilizar o desenvolvimento de mecanismos que tornem esses futuros profissionais mais aptos para lidar com essa situação.</p>	
ANO		2010
AUTOR(ES)	Lícia Maria Oliveira Pinho, Maria Alves Barbosa	
TIPO DE ESTUDO	Fenomenológico do tipo descritivo exploratório	
TÍTULO	A relação docente-acadêmico no enfrentamento do morrer	
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Revista da Escola de Enfermagem da USP	
OBJETIVOS	<p>Desvelar a vivência da morte e do morrer na prática educativa entre o enfermeiro-docente e o acadêmico de Enfermagem, no campo hospitalar</p>	
CONCLUSOES	<p>As experiências relatadas pelos docentes na vivência do processo da morte com acadêmicos de enfermagem, desvelaram-se como um vínculo permeado de dificuldades, limitações, falta de preparo, embora conscientes de que precisam mudar e que anseiam por novos conhecimentos e caminhos que os levem a preparação para educar de forma a cuidar da pessoa em iminência de morte.</p>	
ANO		2011
AUTOR(ES)	Leina Junior, Caroline Francisca Eltink	
TIPO DE ESTUDO	Qualitativo do tipo descritivo exploratório	
TÍTULO	A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente	
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Revista do Instituto de Ciências da Saúde	
OBJETIVOS	<p>Conhecer a visão do graduando de enfermagem sobre a morte do paciente</p>	
CONCLUSOES	<p>O estudo possibilitou conhecer a visão dos graduandos dos últimos semestres do Curso de Enfermagem sobre a morte do paciente. A análise de conteúdo das entrevistas possibilitou conhecer diversos conceitos, aspectos associados ao tema, emoções, afetos referidos pelos alunos de enfermagem e elementos que emergiram através da exploração do tema. A partir das representações individuais pode-se conhecer alguns de seus pensamentos e sentimentos sobre morte no coletivo. O que se percebe é que alunos tem dificuldade em lidar como assunto morte, mesmo os que se dizem preparados para tal evento.</p>	

ANO		2011
AUTOR(ES)	Danúbia Mariane Barbosa Jardim, Renata Mascarenhas Bernardes, Ana Cristina Viana Campos, Giovana Santos Pimenta, Flávia Aparecida Rodrigues Resende, Carolina Marques Borges, Júlio César Batista Santana	
TIPO DE ESTUDO	Qualitativo	
TÍTULO	O cuidar de pacientes terminais: Experiência de acadêmicos de enfermagem durante estágio curricular	
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Revista Brasileira de Saúde Pública	
OBJETIVOS	Compreender as experiências pessoais e no campo de estágio sobre o contato estabelecido entre um grupo de acadêmicos de Enfermagem e pacientes terminais e seus familiares.	
CONCLUSOES	<p>Percebeu-se o quanto os profissionais se sentem despreparados para lidar com a transição vida/morte e com os cuidados ao paciente terminal. Desenvolver técnicas é importante, porém, em certos momentos, pequenos gestos como um aperto de mão e um olhar carinhoso é o que realmente o paciente espera do profissional. Portanto, mais que decidir sobre como será o processo de morte do paciente terminal, faz-se necessário ouvir atentamente, percebê-lo como sujeito com medos, angústias, desafios e desejos, com direito a uma morte digna.</p>	
ANO		2012
AUTOR(ES)	Márcia Gabriela Rodrigues de Lima, Elisabeta Albertina Nietzsche, Joice Ane Teixeira	
TIPO DE ESTUDO	Qualitativo do tipo descritivo exploratório	
TÍTULO	Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiros	
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Revista Eletrônica de Enfermagem	
OBJETIVOS	Compreender como os enfermeiros de uma Unidade de Clínica Médica percebem o processo de morrer e morte, e se essa temática foi trabalhada durante a academia.	
CONCLUSOES	<p>Os enfermeiros aludiram que esta temática significa algo que finaliza a existência humana e, por consequência, a ocorrência desse evento desperta nesses sujeitos sentimentos de impotência, tristeza e ansiedade, tanto ao nível de experiência profissional como ao nível pessoal. Esses sentimentos aos poucos vão sendo amenizados pela experiência adquirida no tempo de serviço.</p> <p>Outra questão muito importante levantada por este estudo é que, ao longo da academia, a maioria dos enfermeiros não teve nenhuma disciplina que contemplasse o tema morte com a ênfase necessária, diante de sua grande complexidade e magnitude. Essa deficiência refletiu na dificuldade que os mesmos possuíram ao se deparar com situações de morte de pacientes durante o exercício profissional.</p>	

ANO		2014
AUTOR(ES)	Danieli Bandeira, Silvana Bastos Cogo, Leila Mariza Hildebrandt, Marcio Rossato Badke	
TIPO DE ESTUDO	Qualitativo do tipo descritivo	
TÍTULO	A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros sob a ótica de docentes de enfermagem	
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Revista Texto & Contexto Enfermagem	
OBJETIVOS	Conhecer como os docentes de um curso de enfermagem abordam a morte e o morrer na academia e quais as implicações no processo de formação. Os resultados mostram a realidade vivenciada em uma universidade pública do RS. Aponta certa fragmentação na abordagem da temática no decorrer da graduação em enfermagem, não apresentando um espaço para a discussão das vivências e implicações que o evento suscita nos acadêmicos. Enfatiza-se o papel da academia para habilitar o aluno de modo que este seja capaz de estabelecer relações interpessoais de ajuda aos pacientes que vivenciam tal processo e aos seus familiares. Para tanto, faz-se necessária a criação de espaços para discussões e reflexões, que possam levar o estudante de enfermagem a alcançar uma compreensão mais clara a respeito da morte.	
CONCLUSOES		
ANO		2014
AUTOR(ES)	Mara Nogueira de Araújo, Maria Cristina Komatsu Braga Massarollo	
TIPO DE ESTUDO	Qualitativo	
TÍTULO	Conflitos éticos vivenciados por enfermeiros no processo de doação de órgãos	
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Acta Paulista de Enfermagem	
OBJETIVOS	Conhecer os conflitos éticos vivenciados pelos enfermeiros no processo de doação de órgãos. Os conflitos éticos vivenciados pelos enfermeiros no processo de doação de órgãos foram: a dificuldade do profissional em aceitar a morte encefálica como morte do indivíduo, a não aceitação em desconectar o ventilador mecânico do paciente em morte encefálica não doador de órgãos, o desconhecimento para a realização do protocolo de morte encefálica, a falta de comprometimento, o descaso no cuidado com o potencial doador a escassez de recursos humanos e materiais a crença religiosa e a falha na comunicação.	
CONCLUSOES		
ANO		2014
AUTOR(ES)	Bárbara Cristina de Aguiar Ernesto Virginio, Cristina Lavoyer Escudeiro, Bárbara Pompeu Christovam, Zenith Rosa Silvino, Tereza Cristina Felipe Guimarães, Graciele Oroski	
TIPO DE ESTUDO	Qualitativo do tipo exploratório descritivo	
TÍTULO	Finitude e a doação de órgãos na visão dos enfermeiros: Estudo descritivo	
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Online Brazilian Journal of Nursing	
OBJETIVOS	Descrever a visão dos enfermeiros acerca da finitude no processo de doação de órgãos em unidade de terapia intensiva de um hospital transplantador. Entre os 15 enfermeiros entrevistados, a média de idade variou de 30 a 50 anos, com prevalência de profissionais do sexo feminino (n=12). Os enfermeiros que atuam em UTI vivenciam em sua prática diária uma dialética entre a doação e o lidar com a finitude através do diagnóstico de morte encefálica no cuidado de enfermagem prestado ao potencial doador e família. Neste sentido, a dialética não é apenas uma oposição entre o viver e o morrer, mas um processo que perpassa a etapa da finitude do ser humano. Os enfermeiros como parte integrante da equipe de saúde exprimem em suas falas a dificuldade em lidar com situações limítrofes de cuidado de maior complexidade, pois envolvem o processo de morte-morrer.	
CONCLUSOES		

ANO	2014
AUTOR(ES)	Matheus Viero Dias, Dirce Stein Backes, Edison Luiz Devos Barlem, Marli Terezinha Stein Backes, Valéria Lerch Lunardi, Martha Helena Teixeira de Souza
TIPO DE ESTUDO	Descritivo do tipo exploratório descritivo
TÍTULO	Formação do enfermeiro em relação ao processo de morte-morrer: Percepções à luz do pensamento complexo
PERIÓDICO DE PUBLICAÇÃO	Revista Gaúcha de Enfermagem
OBJETIVOS	Conhecer a percepção do processo de morte-morrer na perspectiva de discentes de enfermagem.
CONCLUSOES	Percebe-se, a partir desse estudo, que a formação em enfermagem que propõe uma visão generalista, crítica e reflexiva, aborda de forma fragmentada e pontual diversos assuntos, dentre eles, a morte e o processo de morte-morrer. A superficialidade e a banalização das discussões acerca desse processo não permitem a ampliação do entendimento desse fenômeno, visto que a morte é considerada, pela maioria dos participantes do estudo, como a aniquilação do processo de viver e não como integrante do ciclo vital.

A partir da análise dos artigos, foram elaboradas duas categorias, na primeira (5.1) retrata-se a aprendizagem sobre a morte para os acadêmicos de enfermagem, foram utilizados sete dos artigos selecionados nas bases de dados. Na segunda categoria (5.2) três artigos nortearam a discussão sobre a percepção e aprendizagem dos graduandos sobre a morte e sua relação com a doação de órgãos.

5.1 Formação acadêmica sobre o processo morte/morrer

Para Lima, Nietzsche e Teixeira (2012), a civilização sempre possuiu fascínio e temor pela morte, no Ocidente desperta negação e temor que pode ser explicitado na evolução histórica da sociedade e de suas instituições de ensino que aparam essa visão, isso se evidencia mais tarde, no comportamento dos discentes durante o exercício como profissional.

Esses autores revelam em seu estudo que para o enfermeiro o processo morte morrer é de difícil abordagem e traz uma sensação de fracasso dos cuidados, é presença no cotidiano, o que não faz com se torne menos incomoda e não cause interferências nos sentimentos e ações.

Os enfermeiros entrevistados afirmaram que na graduação não houve nenhum conteúdo ou disciplina ajustados para que abordasse questões referentes à

morte de modo específico, e a única familiaridade foi de maneira superficial em disciplinas de psicologia, essas deficiências são refletidas mais tarde durante o cotidiano dos profissionais, o debate mais apurados dentro do universo do aluno, facilitaria o trato com a morte durante a prática assistencial.

De acordo com o estudo de Bandeira et al (2014) a formação na área da saúde é fundamentada em situações práticas e teóricas, durante a teoria apenas se toca vagamente no assunto e durante a prática o aluno é inserido no meio da rotina vivenciando situações distintas diante do enfrentamento da morte. Nesse estudo, dos 10 docentes envolvidos na pesquisa realizada, a maioria afirmou que reproduz o comportamento de seus professores durante a formação, em que pouco se falava ou discutia sobre a morte, como forma de reprimi-la ou nega-la diante do aluno, evitando a percepção de emoções, enquanto outros afirmam que a vivência de situações durante a graduação facilitou as aulas e o entendimento do que os discentes percebiam.

Embora reconheçam a necessidade do tema morte, os docentes afirmam que não se prendem a explicações mais amplas ou mesmo negligenciam devido ao excesso de conteúdos, é preciso que os docentes sejam sensibilizados da importância do alinhamento de teoria e prática do morrer.

Para Pinho e Barbosa (2010), estudar a morte engloba uma amplitude de cuidados que o enfermeiro está inserido, é entendê-la como participante da vida, o profissional não irá cuidar somente de pessoas para o restabelecimento da saúde, mas também daquelas na iminência ou em morte, é percebê-la dentro do contexto da existência, visando uma educação humanista e crítico-reflexivo perante o que o cerca.

No entanto, os autores apontam que durante o exercício da docência o enfermeiro tem dificuldade de trabalhar como o aluno que muitas vezes demonstra falta de interesse nas aulas teóricas e quando vivenciam se veem diante de uma situação a qual não sabem agir e reagir adequadamente. A falta de reflexão e dissociação do fazer e do sentir prejudica o aprendizado sobre a morte, o aluno passa a refugiar-se apenas nas técnicas e procedimentos apreendidos, fuga essa que é apoiada pelos próprios docentes que obtiveram o mesmo tipo de formação.

Junior e Eltink (2011) enfatizam em seu estudo, que os currículos dos cursos de enfermagem devem ser ajustados para que o aluno possa, já na graduação, ter elementos para exposição de conceitos e tabus, para que ao

adentrarem no mercado de trabalho estejam aptos a não se sentirem a ermo no enfrentamento da realidade da perda e do luto, adquirir confiança diante do que vive e diminuir angústias e conflitos, se não existe uma formação adequada nesse sentido, ele acaba procedendo de maneira inadequada.

Segundo Takahashi et al. (2008) no artigo "Morte: Percepção e sentimentos do acadêmico de enfermagem", a falta de preparo para lidar com a morte e do entendimento que não se trata de um processo simplesmente de aprendizagem, permite que o estudante entre em conflito com a maneira como vê e se coloca diante do mundo.

Esse estudo foi realizado com estudantes de enfermagem do 1º ao 4º de uma instituição do Noroeste Paulista, e mostrou que inicialmente o que prevalece é a concepção de que a morte é o fim de tudo, conforme se avança na graduação essa percepção vai diminuindo, as reações mais comuns são insegurança e sentimentos conflituosos, porém prevalece a perspectiva de parte do ciclo da vida, os estudantes de enfermagem esperam que a graduação os ofereça suporte para enfrentar momentos que possam gerar quadros de estresse, depressão ou pânico, por exemplo. Por ser mais propensa as tensões dentro do ambiente dos hospitais, a equipe de enfermagem pode ter inquietudes emocionais e psicológicas ao encarar a morte dos pacientes e o sofrer dos familiares, existindo a possibilidade de interferência na qualidade da assistência.

Essa situação poderia ser evitada, se os acadêmicos de enfermagem durante a graduação tivessem contato com estudos acerca da morte isso facilitaria ao futuro profissional ter maior controle diante de situações envolvendo a morte/morrer e ajudaria a amenizar temores ao ser abordado sobre o assunto ou presenciar mais constantemente momentos em que precise lidar com o sofrimento (BENEDETTI et al., 2013)

Para Jardim et al. (2011), os resultados demonstram que ao não ser capacitado para lidar como o luto, a perda e suas consequências, o enfermeiro acaba dissociando a morte como algo natural da vida e pode apegar-se a tentativas de prolongamento desesperadas. A ideia de um cuidado humanizado deve prevalecer para que o paciente sinta-se acolhido no momento de transição viver/morrer, bem como receber aquilo que espera do profissional, além disso deve-se estar preparado para oferecer suporte a família enlutada. No caso de pacientes terminais, os acadêmicos enfrentam percepções de impotência, frustração e pouca

efetividade do cuidado, além de tristeza por não ter mais aquele paciente sobre sua supervisão diária.

Abrão et al. (2013), percebe no entanto que alguns enfermeiros conseguem desenvolver suas atividades com tranquilidade e segurança na presença da morte ou de sua iminência, fator que se coloca a partir de um equilíbrio biopsicossocial, de forma assertiva e proveitosa para seu crescimento pessoal e profissional.

Observa-se a necessidade de discussões e debates no meio acadêmico da enfermagem sobre a morte e os cuidados com pacientes em que a possibilidade de cura terapêutica não é mais possível (BANDEIRA et al. 2014).

Oferecer ao acadêmico de enfermagem um bom estudo em Tanatologia permite que se criem elos educacionais e emocionais de amparo no momento do contato com a morte, fortalecendo sua atuação nos casos em que precise mostrar uma boa preparação (TAKAHASHI et al., 2008).

Para DIAS et al. (2014) docentes e discentes devem tornar multifacetado o conhecimento a cerca da morte, o que só será possível ao ampliar os olhares, a carência de reflexões traz uma fragmentação que dificulta o ensino-aprendizagem e permite que se dissocie como continuidade e integrante do processo de vida, deve-se abordar o que a morte configura e quais os seus desdobramentos e a representatividade daquela perda para os que ficam, tanto a nível sociocultural, quanto das formas de se fazer com que o luto seja vivido pelos parentes e profissionais envolvidos, sem que isso interfira no cuidado que deve ser prestado.

5.2 O discente e os desafios na doação de órgãos

O conceito de morte encefálica veio ampliar o que se sabia antes sobre a fisiologia da morte, por além da ausência de batimentos cardíacos e movimentos respiratórios, sabe-se que é possível manter as funções vitais, ainda que o encéfalo esteja sem funcionamento (FREIRE et al., 2012).

Araújo e Massarollo (2014) apontam em seu estudo que embora os profissionais de saúde sejam conscientes que o significado de morte não seja apenas relacionado à parada cardiorrespiratório, ainda existe muita dificuldade em aceitar a presença da morte encefálica devido a representatividade de um coração pulsante, o que gera algumas incertezas que são advindas de construções sociais

do conceito de morte. Os conflitos éticos vivenciados diante da doação de órgão são registrados na pesquisa, os enfermeiros se sentem bem por saber que a intervenção salvará vidas, porém fatores como a crença religiosa interferem negativamente. Para os familiares isso não é diferente, e pode ser bem observado no momento da entrevista familiar, os enfermeiros podem ser interpelados e muitos não apresentam segurança para responder aos questionamentos.

Para Virgínio et al (2014), a finitude e seus significados são postos de frente e em confronto com as convicções pessoais no dia a dia dos enfermeiros, a doação de órgão pode gerar essa proximidade, e trazer a tona sentimentos e reflexões.

Os enfermeiros da pesquisa colocam a realidade da espera pela recuperação do paciente que não acontece, o pensamento sobre a morte e a reflexão que os remete a fragilidade da vida e da possibilidade de que, já que seus cuidados não foram efetivos, poderão salvar outras pessoas pela doação e captação de órgãos. No entanto não é esse sentimento que permanece muitas vezes, as vivências socioculturais, morais e éticas interferem.

A própria ideia de não ter contribuído assertivamente para o cuidado é conflituosa, ainda que tenha seguido e feito tudo que aprendeu o profissional não tem satisfação com seu agir por muitas vezes, fato esse advindo de uma não formação ligada a preparação para atuar nas etapas do processo de morte e doação de órgãos.

Segundo Silva e Silva (2007), o estudante de enfermagem deve estar preparado para enfrentar circunstâncias conflituosas ao ter proximidade com a morte e o sentimento do outro, evitando dessa forma certa apreensão. Porém o que se observa nas instituições de ensino é uma desconsideração ou omissão na formação dos graduandos, que possuem pouco contato com temas relacionados à morte, quando se refere a morte e doação, não há abordagem em sala de aula de forma aprofundada e adequada.

No estudo em questão, mais da metade dos estudantes não souberam definir corretamente morte encefálica e não tiveram aulas sobre doação de órgãos, o que prejudica a futura assistência que será prestada para paciente e seus familiares, criando por vezes ideias errôneas sobre o processo de morte e doação de órgãos.

Nos estágios de graduação em enfermagem, a morte é tomada muitas vezes por noções e preconceitos comuns relacionados ao imaginário popular. Essa

percepção se estende a vida profissional, e para o familiar que vivencia a situação não é diferente, essa visão dificulta o processo de doação e as chances daqueles que esperam nas filas por um transplante. Cabe ao enfermeiro dar apoio aos familiares e esclarecê-los de como se realiza a doação e de sua importância para aqueles que necessitam, e isso deve ser tomado como preocupação desde o período como discente. (MOURA; SOUZA; RIBEIRO, 2011).

Na maioria dos casos, a recusa ou aceite da doação está ligado a como se conduz a entrevista familiar, e isso depende de variáveis relacionadas desde o conhecimento prévio da família, tipo de atendimento na acolhida da família do potencial doador, conhecimento sobre o desejo de doar, até a segurança apresentada pelo entrevistador, demonstrando possuir domínio da sua fala e habilidade na condução (GROSSI et al., 2014).

A maioria dos acadêmicos não possui, dentro das universidades, discussões que propiciam obter informações sobre doação de órgãos, e só durante o exercício como enfermeiros acabam preenchendo essas lacunas (REIS; POPOV, 2009).

Rosário et al. (2013), corroboram ao relatar que a doação envolve todo um contexto familiar de elo entre cultura, religião, questões morais e éticas, e que quanto mais se tem noção disso, torna-se importante estar preparado e munido de informações sobre doações, facilitando para a população acesso a dinâmica do processo.

Levar em consideração os aspectos socioculturais é fundamental, pois o próprio conceito de morte encefálica e seu diagnóstico envolvem uma série de fatores que pedem uma dedicação e consideração dos profissionais no momento da comunicação aos familiares. Ao prestar um bom acolhimento, as chances de aceite são facilitadas e com boa probabilidade de aumentarem, ao terem suporte as famílias sofrem menos conflitos e isso encoraja o ato de doar (FERNANDES; BITTENCOURT; BOIN, 2015).

Quitana e Arpini (2009), afirmam que a morte permeia o âmbito do imaginário dos familiares que permitem a doação, a ideia de que o parente continuará vivo no corpo de outra pessoa e de que o órgão doado representará a continuidade.

Pessoa, Schirmer e Roza (2013) acrescentam que nos casos de recusa, a falta de informações sobre doação de órgãos e tecidos, bem como desconhecimento sobre o desejo do potencial doador, prejudica o processo.

O apoio deve ser irrestrito, mesmo nos casos de recusa, o familiar deve sentir que naquele momento encontra-se amparado e que tomou a melhor decisão diante do desejo do potencial doador e daqueles que confirmam ou recusam o veredito (MORAES; MASSAROLLO, 2009).

O enfermeiro deve ser capaz de tirar dúvidas, seja relativa ao processo, ou a questionamentos que envolvem o uso de tecnologias que podem ou serão utilizadas, com isso tenta-se garantir maior conforto e assertividade na decisão consciente e permeada de informações claras e objetivas (CAPPELLARO et al., 2014).

Para Cinque e Bianchi (2010), o ato de perceber e compreender os obstáculos ou impedimentos, bem como as facilidades, deve ser valorizado desde a graduação, essa preocupação concede para os enfermeiros componentes para um melhor desempenho com as famílias dos potenciais doadores, bem como estar preparado para responder questionamentos e enfrentar diversas situações que possam ser apresentadas.

6 CONCLUSÃO

Muitas civilizações ocupam-se de rituais que demonstram que na iminência da morte é hora para resolver sentimentos e conflitos quando é possível prever a sua proximidade, o luto é vivido no pedido do perdão, nas homenagens, no preparo para o que esta por vir sem a presença daquele ente querido.

Quando não se tem como prevê-la, as fases do luto também são vividas por todos ao redor, sejam familiares, amigos e equipe que assiste os últimos momentos, da mesma maneira, os ritos individuais refletem o envolvimento de cada um.

Para que o acadêmico de enfermagem possa estar preparado para enfrentar o futuro profissional, é preciso que ele esteja vivenciando desafios desde a graduação, esses desafios muitas vezes são permeados pelo imaginário sociocultural absorvido, o modo de enfrentamento irá ajudá-lo quando enfermeiro.

Ao ter um paciente sobre seu cuidado, espera-se que o mesmo tenha o restabelecimento de uma vida com saúde, porém quando o paciente não possui mais possibilidade terapêutica, os profissionais envolvidos podem experimentar sentimentos de derrota, falência dos conhecimentos apreendidos e angústia sobre não ter feito tudo que deveria, quando a morte é encefálica, todos precisam lidar com seus aspectos éticos e morais diante do diagnóstico.

Quando a doação de órgãos é levada para a entrevista, o enfermeiro deve estar preparado, as informações devem sanar as principais dúvidas e ter percepção apurada do ambiente encontrado, a falta de informações na maioria das vezes faz com que a morte encefálica não seja compreendida e haja a recusa familiar da doação.

Formar profissionais capacitados em Tanatologia e seus temas como a doação de órgãos, é imprescindível para que possamos aumentar o número de doadores, e entender os diversos conceitos de morte e suas implicações.

A formação inadequada interfere na conduta de doação de órgãos seja no processo de definição da morte encefálica, seja na assistência prestada aos familiares.

REFERÊNCIAS

ABRÃO Fátima Maria da Silva , GÓIS Amanda Regina da Silva , SOUZA Marcia Santos Brasil de, ARAUJO Raquell Alves de , CARTAXO Charmênia Maria Braga, OLIVEIRA Denize Cristina de. **Representações sociais de enfermeiros sobre a religiosidade ao cuidar de pacientes em processo de morte**. Rev Bras Enferm. 2013 set-out; 66(5): 730-7.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000500014 Acesso em: 08.12.16

ARAÚJO Mara Nogueira de; KOMATSU Maria Cristina; MASSAROLLO Braga. **Conflitos éticos vivenciados por enfermeiros no processo de doação de órgãos**. Acta Paul Enferm. 2014; 27(3):215-20.

Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ape/v27n3/1982-0194-ape-027-003-0215.pdf>> Acesso em: 10.12.16

BANDEIRA Danieli , COGO Silvana Bastos , HILDEBRANDT Leila Mariza ,BADKE Marcio Rossato. **A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros sob a ótica de docentes de enfermagem**. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2014 Abr-Jun; 23(2): 400-7. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072014000200400&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 08.12.16

BENEDETTI, Gabriella Michel dos Santos et al. **Significado do Processo Morte / Morrer de para Acadêmicos OS ingressantes no curso de enfermagem**. Rev. Gaúcha Enferm. Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 173-179, março 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000100022&lng=en&nrm=iso> . Acessado em 04 de julho de 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **História e evolução dos Hospitais**. Departamento Nacional de Saúde. Brasília, 1965.

Disponível em :< http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd04_08.pdf>. Acessado em 07 de março de 2016.

CAPPELLARO Josiane , SILVEIRA Rosemary Silva da , LUNARDI Valéria Lerch , CORRÊA Lisiane Van Ommeren , SANCHEZ Marina Landarin , SAIORON Isabela. **Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante: questões éticas**. DOI: 10.15253/2175-6783.2014000600007

Disponível em: www.revistarene.ufc.br Acesso em: 15.12.16

CINQUE Valdir Moreira, BIANCHI Estela Regina Ferraz. **A tomada de decisão das famílias para a doação de órgãos**. Cogitare Enferm 2010 Jan/Mar; 15(1):69-73
Disponível em:<revistas.ufpr.br/cogitare/article/download/17174/11309> Acesso em: 10.12.16

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução nº 292 de 2004**. Normatiza a atuação do Enfermeiro na Captação e Transplante de Órgãos e Tecidos. Diário Oficial da União; Poder Executivo, Brasília. 2004. Disponível em <http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-2922004_4328.html>. Acessado em 18 de fevereiro de 2016.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução n.º 1346, de 1991**. Estabelece critérios para a caracterização da parada total e irreversível das funções encefálicas em pessoas com mais de dois anos de idade. Diário Oficial da União; Poder Executivo, Brasília, 1991. Disponível em: <http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/1991/1346_1991.htm>. Acesso em: 18 de fev, de 2016.

DIAS Matheus Viero et al. **Formação do enfermeiro em relação ao processo de morte-morrer**: percepções à luz do pensamento complexo. Rev Gaúcha Enferm. 2014 dez;35(4):79-85. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/45177>> .Acessado em 03 de março de 2016.

FERNANDES Marli Elisa Nascimento BITTENCOURT Zélia Zilda Lourenço de Camargo. BOIN, Ilka de Fátima Santana Ferreira. **Vivenciando a doação de órgãos: sentimentos de familiares pos consentimento**. Revista Latino-Americana Enfermagem set.-out. 2015;23(5):895-901 DOI: 10.1590/0104-1169.0486.2629 Disponível em:< www.eerp.usp.br/rlae> Acesso em: 10.12.16

FREIRE, I, DANTAS, B., GOMES, A., SILVA, M., MENDONÇA, A., TORRES, G.. **Aspectos éticos e legais da doação de órgãos**: visão dos estudantes de enfermagem. Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro, América do Norte. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/706>>. Acesso em: 18 Fev 2016. Acessado em 03 de março de 2016.

FREIRE, Sarah Gabriel; FREIRE, Izaura Luzia Silvério; PINTO, Juliana Teixeira Jales Menescal; VASCONCELOS, Quinidia Lúcia Duarte de Almeida Quithé de; TORRES, Gilson De Vasconcelos. **Alterações fisiológicas da morte encefálica em potenciais doadores de órgãos e tecidos para transplantes**. Esc Anna Nery (impr.)2012 out - dez; 16 (4):761-766. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000400017>> Acesso em: 12.12.16

GROSSI Manoela Gomes , PRADO Layse Beneli , SOUZA Geórgia Pereira Silveira , SANTOS Jaqueline Pereira dos , BEZERRA Amanda Silva de Macêdo , MARCELINO Cesar Augusto Guimarães , ANDREA Antônio Flávio Sanchez de Almeida , AYOUB. **Análise comparativa do consentimento familiar para doação de tecidos em função da mudança estrutural do termo de doação**. Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, São Paulo, SP, Brasil. DOI: 10.1590/S1679-45082014AO2555. einstein. 2014;12(2):143-8. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082014000200143&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 13.12.16

JARDIM, D. M Barbosa et al. **O CUIDAR DE PACIENTES TERMINAIS**: Experiência de acadêmicos de enfermagem durante estágio curricular. Rev B.S.Publica Miolo. V 34 _ n 4.indd 796. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2010/v34n4/a2171.pdf> Acesso em: 13.12.16

JUNIOR, Leina; ELTINK, Caroline Francisca. **A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente**. Health 2011;29(3):176. Disponível em:

https://www.unip.br/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2011/03_jul-set/V29_n3_2011_p176-182.pdf Acesso em: 13.12.16

JÚNIOR, Fernando José Guedes da Silva; SANTOS, Lissandra Chaves de Sousa; MOURA, Pedro Victor dos Santos; MELO, Belisa Maria Silva; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. **Processo de morte e morrer: evidências da literatura científica de enfermagem.** Rev. Bras. Enfermagem [internet] 2011;64(6). Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n6/v64n6a20.pdf> >. Acessado em 06 de maio de 2016.

KOVACS, Maria Júlia. **Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer**, 2008. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2008000300004&script=sci_abstract&lng=pt >. Acessado em 06 de maio de 2016.

LIMA, A.A.F.; SILVA, M.J.P.; PEREIRA, L.L.. **Sufrimento e contradição: o significado da morte e do morrer para enfermeiros que trabalham no processo de doação de órgãos para transplante.** Enferm. glob., Murcia, n. 15, feb. 2009. Disponível em <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S169561412009000100002&lng=es&nrm=iso >. Acessado em 17 de fevereiro de 2016

LIMA, Márcia Gabriela Rodrigues de, NIETSCHE Elisabeta Albertina, TEIXEIRA Joice Ane. **Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiros.** Revista Eletrônica de Enfermagem. 2012 jan/mar;14(1):181-8. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v14/n1/v14n1a21.htm>> Acesso em: 08.12.16

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVAO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 06 abril de 2016.

MOURA KHM, SOUZA TF, RIBEIRO GTF.. **Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre a doação de órgãos e tecidos.** Rev enferm UFPE on line. 2011 ago.;5(5):1353-361 1353. Disponível em: < <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/1604/3187> >. >Acessado em 04 de julho de 2015.

MORAES Edvaldo Leal de, MASSAROLLO Maria Cristina Komatsu Braga. **Recusa de doação de órgãos e tecidos para transplante relatados por familiares de potenciais doadores.** Estudo desenvolvido no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo USP (SP), Brasil. Acta Paul Enferm 2009;22(2)131-5: Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n2/a03v22n2.pdf> Acesso em: 15.12.16

MORITZ, R.D. (2002). **O efeito da informação sobre o comportamento dos profissionais da saúde diante da morte.**(tese). Florianópolis: Programa de pós-

graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84198/186845.pdf?sequence=1>>. Acessado em 03 de abril de 2016

ORNELLAS, Cleuza Panisset. **Os hospitais: lugar de doentes e de outros personagens menos referenciados.** Rev. bras. enferm., Brasília, v. 51, n. 2, p. 253-262, Junho 1998. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671998000200007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 3 de março de 2016.

PESSOA João Luis Erbs; SCHIRMER Janine; ROZA Bartira de Aguiar. **Avaliação das causas de recusa familiar a doação de órgãos e tecidos.** Acta Paul Enferm. 2013; 26(4):323-30. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/ape/v26n4/v26n4a05.pdf>> Acesso em: 08.12.16

PINHO, Lícia Maria Oliveira; BARBOSA, Maria Alves. **A relação docente-acadêmico no enfrentamento do morrer.** Revista Esc. Enfermagem USP. 2010. Disponível em: <
www.scielo.br/reeusp>. Acesso em: 09.12.16

QUINTANA Alberto Manuel; ARPINI Dorian Mônica. **Doação de órgãos: possíveis elementos de resistência e aceitação.** boletim de psicologia, 2009, VOL. LIX, Nº 130: 091-102. Disponível em: <
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v59n130/v59n130a08.pdf>> Acesso em: 10.12.16

REIS ML, POPOV DCS. **Percepção de estudantes de enfermagem sobre a doação de órgãos.** Rev Enferm UNISA 2009; 10(2): 107-12. Disponível em: <
<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2009-2-01.pdf>>. Acessado em 03 de março de 2016.

RIBEIRO DB, FORTES RC. **A morte e o morrer na perspectiva do estudante de enfermagem.** Revista Gaúcha de enfermagem. 2014.Dez;35(4):79-85. Disponível em: <
<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/10>>. Acessado em 03 de março de 2016.

ROSÁRIO Elza Nascimento do, PINHO Luciane Gonçalves de, OSELAME Gleidson Brandão, NEVES Eduardo Borba. **Recusa familiar diante de um potencial doador de órgãos.** Caderno de Saúde Coletiva, 2013, Rio de Janeiro, 21 (3): 260-6. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v21n3/v21n3a05.pdf>> Acesso em: 10.12.16

SCHERER ZAP, SCHERER EA, CARVALHO AMP. **Reflexões sobre o ensino da enfermagem e os primeiros contatos do aluno com a profissão.** Rev. Latino-am Enfermagem 2006 março-abril;14(2):285-91. Disponível em <
www.eerp.usp.br/rlae>. Acessado em 03 de março de 2016.

SHIMIZU, Helena Eri. **Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer.** vol.60 no.3. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2007. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034->

71672007000300002&script=sci_abstract&lng=pt >.Acessado em 03 de março de 2016.

SILVA, A. M.; SILVA, M. J. P. **A Preparação do Graduando de Enfermagem para Abordar o Tema Morte e Doação de Órgãos**. Revista Enfermagem Uerj, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 549-554, 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n4/v15n4a12.pdf>>. Acessado em 04 de julho de 2015.

SILVA, D.M.; TELLES G. **Conhecimento dos Enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva sobre o processo de doação de órgãos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121501/319445.pdf?sequence=1>>. Acessado em 03 de março de 2016

SOUZA, Marcela Tavares et al. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**.2010 Disponível em: <www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.p>. Acessado em: 03 de março de 2016.

TAKAHASHI Carla B. ; CONTRIN Lígia M. ; BECCARIA Lúcia M.; GOUDINHO Mirana V.; PEREIRA Roseli A.M. **Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem**. Arq Ciênc Saúde 2008 jul-set;15(3):132-8. Disponível em: http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-15-3/IDN295.pdf Acesso em: 13.12.16

VIRGINIO Bárbara Cristina de Aguiar Ernesto, ESCUDEIRO Cristina Lavoyer, CHRISTOVAM Bárbara Pompeu, SILVINO Zenith Rosa, GUIMARÃES Tereza Cristina Felipe, OROSKI Graciele. **Finitude e a doação de órgãos na visão dos enfermeiros: estudo descritivo** ISSN: 1676-4285. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4164> Acesso em: 15.12.16

ANEXOS

ANEXO A - Parecer de aprovação do colegiado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 FUNDAÇÃO Instituída nos termos da Lei n.º 5.152 de 21/10/1966.
 CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
 COORDENADORIA DO CURSO DE ENFERMAGEM

PROJETO DE MONOGRAFIA

PARECER

1. **TÍTULO:** PERCEPÇÃO E FORMAÇÃO DOS DISCENTES DE ENFERMAGEM SOBRE MORTE E DOAÇÃO DE ORGÃOS: revisão integrativa.

2. **ALUNO(A):** Sarah de Sousa Leite

3. **ORIENTADOR(A):** Prof^ª Dra. Elza Lima da Silva

4. **INTRODUÇÃO:** Proposta de estudo bem desenvolvida.

5. **JUSTIFICATIVA:** Coerente com a pesquisa a ser realizada.

6. **OBJETIVOS:** Apresenta apenas o objetivo geral.

7. **PROCESSO METODOLÓGICO:** Apresenta os elementos necessários para o alcance dos objetivos.

8. **CRONOGRAMA:** Com prazos bem definidos.

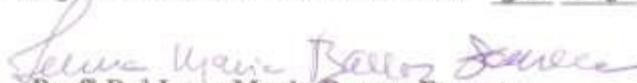
9. **TERMO DE CONSENTIMENTO:** Desnecessário pelo tipo de pesquisa a ser realizada.

10. **CONCLUSÃO DO PARECER:** Aprovado.

São Luís, 01 de agosto de 2016


 Professor(a) Relator(a)

- **Aprovado** pelo Colegiado de Curso em reunião do dia 1 / 1
- **Aprovado "ad referendum"** do Colegiado de Curso em 05 / 08 / 2016
- **Referendado** pelo Colegiado de Curso em reunião do dia 11 / 08 / 2016


 Prof^ª Dr^ª Lena Maria Barros Fonseca
 Coordenadora do Curso de Enfermagem